

Carta semanal 24 (2018): Nós somos os mosquitos



Queridos amigos e amigas,

Saudações do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social

Em 1942, no dia 9 de Agosto, o povo indiano se levantou para derrubar o Raj britânico. A revolta é conhecida como o movimento Abandonem a Índia. Enviou uma forte mensagem aos britânicos de que o povo indiano não toleraria mais o estado colonial. Esta semana, em toda a Índia, os protestos eclodiram com a mensagem ao governo do primeiro-ministro Narendra Modi e do BJP – Governo de BJP abandone a India! Foi uma mensagem ousada, mas com uma agenda focada. As pessoas responderam ao chamado do Sindicato Campesino de Toda Índia (All Indian Kisan Sabha) e do Partido Comunista da Índia (marxista). Quatro demandas básicas estruturaram os protestos:

1. Libertação completa da dívida para os camponeses e trabalhadores rurais.

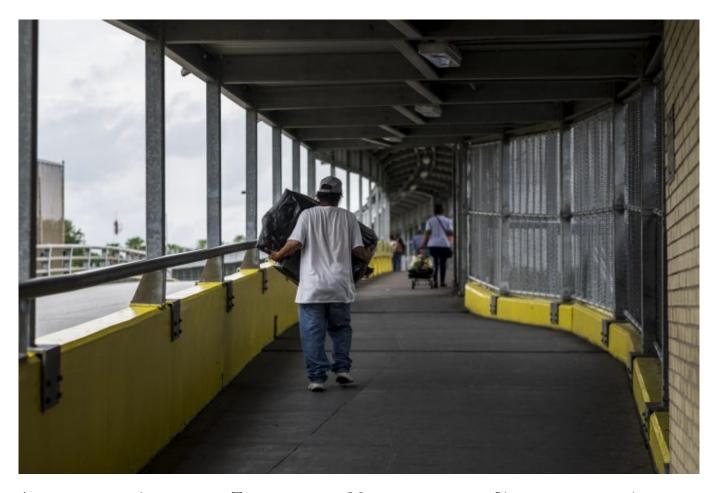


- 2. Garantias jurídicas para o preço mínimo de apoio para todos os produtores, a uma vez e meia o custo de produção e uma redução dos custos dos insumos.
- 3. Direitos fundiários imediatos aos cultivadores e a implementação da Lei dos Direitos Florestais.
- 4. Pensão de Rs. 5.000 por mês para todos os trabalhadores rurais, bem como para os camponeses pobres e de classe média.

A crise no campo, como documentado ao longo das últimas décadas pelo integrante do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, P. Sainath, por exemplo, deveria fazer com que todas as pessoas fizessem uma pausa. Em um estudo recente feito por Yoshifumi Usami e Vikas Rawal, suas descobertas sobre o declínio no emprego lançam uma luz brilhante sobre essa crise. No final de seu trabalho, Usami e Rawal notam: "Com o declínio da absorção de mão-de-obra na agricultura, as trabalhadoras rurais foram abandonadas e forçadas a se retirar da força de trabalho. Por outro lado, novos jovens trabalhadores do sexo masculino, lutando por oportunidades de emprego, entraram na força de trabalho agrícola. À medida que jovens e mais educados trabalhadores rurais do sexo masculino entravam na agricultura, seus irmãos mais velhos, com níveis mais baixos de educação, foram empurrados para o setor da construção. Durante este período, a construção emergiu como o empregador de último recurso, exigindo o trabalho mais árduo e empregando trabalhadores com os níveis mais baixos de educação ". O que isso nos diz é que a situação do emprego na Índia – como em outros lugares – é desequilibrada, dependente de booms e bolhas imobiliárias, com governos inseguros de desenvolver políticas pró-povo.

A foto acima é de Agartala (Tripura). Foi tirada em 9 de agosto durante os protestos em todo o país. Ela captura a essência da luta – o povo versus o estado, que decidiu ser a barricada para a minoria do planeta (os 1% mais ricos que no ano passado concentraram 82% da riqueza gerada, enquanto os 3,7 bilhões de pessoas que compõem a metade mais pobre da humanidade não viu nenhum aumento na riqueza – de acordo com o **estudo** da Oxfam). Lutas como essa, e reticências em ver o futuro nelas, me lembram o provérbio do oeste africano – se você acha que é pequeno demais para fazer a diferença, não passou uma noite com um mosquito.





A guerra comercial imposta por Trump continua. Mais impasses com a China e com os vizinhos norte-americanos dos Estados Unidos. É claro que o processo de globalização não beneficiou a classe trabalhadora e campnesa. Na verdade, ocorreu o contrário. Mas essas tarifas seriam benéficas? O chefe da Conferência de Comércio e Desenvolvimento da ONU (UNCTAD), Dr. Mukhisa Kituyi, **diz** que as tarifas prejudicariam os países mais pobres do mundo. Se este é o caso ou não, deve ser analisado. Mas o Dr. Kituyi levanta um ponto importante, a saber, que um dos problemas do nosso tempo é o "unilateralismo nacionalista". O que ele quer dizer é que os Estados Unidos não está disposto a aceitar a emergência de um mundo multipolar. A reintegração de sanções pelos EUA contra o Irã (para saber mais veja minha reportagem **aqui**) é um sinal desse unilateralismo – apesar de ferozmente contestado pela China, União Européia, Rússia e Turquia. Outra é a dominação dos EUA sobre o mundo das finanças e do comércio.

A avaliação do Dr. Kituyi não é suficiente. Nós, do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, temos pensado sobre o debate em torno das tarifas. Em nosso dossiê de agosto, falamos com o professor Prabhat Patnaik, um dos principais intelectuais marxistas do mundo. Em uma entrevista envolvente que começa com uma breve avaliação das "guerras comerciais" e leva ao potencial que isso abre para a China, Prabhat nos dá sua interpretação aguçada da situação atual. Ele oferece conselhos muito importantes para os governos de esquerda que podem se preocupar em levantar fundos para o desenvolvimento social – propositadamente para o novo governo do México. Na mesa, no que diz respeito a Prabhat, estão os controles de capital, um instrumento que governos com um compromisso com seu povo devem usar contra a liberdade do imperialismo do capital financeiro. Você pode baixar o dossiê gratuitamente aqui. Por favor leia, discuta e faça circular. Congratulamo-nos com os seus pensamentos sobre este dossiê.



A foto acima e as fotos do dossiê são de **Jacky Muniello**, um fotógrafo mexicano que documentou com grande sensibilidade o mundo dos migrantes.



Em uma parte da América Latina, houve uma tentativa de assassinato contra o presidente venezuelano Nicolás Maduro. Ameaças contra o governo venezuelano e Maduro vieram rapidamente e furiosamente pelo governo dos Estados Unidos, bem como pela liderança de direita na Colômbia. O ex-presidente da Colômbia, Juan Manuel Santos, disse que "esperava" que "Maduro caísse de forma pacífica". O secretário de Estado dos EUA, Mike Pompeo, quando era chefe da CIA, disse no ano passado: "Tenho que ter muito cuidado com o que digo, mas estamos muito esperançosos de que possa haver uma transição na Venezuela". Esta é uma conversa perigosa. Legitima a violência e os golpes. Maduro sobreviveu. Mas esses inimigos. Assim como os inimigos da liberdade, permanecem à solta.

No outro extremo da América Latina, na Argentina, milhões de pessoas deixaram claro que se opõem à cultura da violência – o mundo dos golpes patriarcais e do femicídio. A questão central era o direito ao aborto. No ano passado, o Chile votou para permitir que as mulheres tomem decisões informadas sobre sua saúde. Este ano, a Argentina queria se juntar às fileiras dos países que legalizaram o aborto, mas mais do que isso – que não temiam os desejos das mulheres. Infelizmente, o Senado da Argentina – em uma votação restrita – discordou. Mas só por enquanto. Nayla Pis Diez, pesquisadora do escritório de Buenos Aires do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, mostrou que o foco deve estar no slogan do movimento Ya Ganamos -Nós já ganhamos. O tempo mudou. Os jovens não aceitam o desagradável patriarcado, assim como eles têm menos fidelidade aos militares e ao mundo dos golpes de estado. Você pode ler nossa reportagem aqui. É uma homenagem à nossa tribo de mosquitos.





Na semana passada, mencionei os protestos em Dhaka (Bangladesh) liderados por crianças em idade escolar que estavam zangadas com acidentes de trânsito. O célebre fotógrafo Shahidul Alam estava cobrindo os protestos – tirando fotos das multidões e mostrando o que estava acontecendo via Facebook Live. Shahidul é o fundador da Pathshala, cujos alunos forneceram as fotografias para o nosso segundo dossiê em *Cidades Sem Água*. Os relatórios de Shahidul nas ruas eram nítidos e confiáveis. Não admira que a al-Jazeera o tenha convidado para falar sobre os acontecimentos nas ruas de sua cidade. Naquela noite, cerca de trinta e cinco policiais chegaram a sua casa e o prenderam. Shahidul permanece sob custódia. Eu escrevi uma reportagem inicial sobre sua prisão em *The Hindu*, que você pode encontrar aqui. Agora, Arundhati Roy, Eve Ensler, Naomi Klein, Noam Chomsky e eu pedimos ao governo de Bangladesh que liberte Shahidul (você pode ler nossa carta aqui). Milhares de artistas e escritores de todo o mundo participaram da luta pela libertação de Shahidul. Há nuvens muito escuras sobre o Bangladesh.

Se você acha que é pequeno demais para fazer a diferença, não passou uma noite com um mosquito. Essa frase esteve em minha cabeça a semana toda. Entretando, mosquistos também podem ser esmagados.

As forças sauditas e dos emirados bombardearam um ônibus escolar no Iêmen. Pelo menos vinte e nove crianças – todas com menos de 15 anos – morreram imediatamente no bombardeio (48 outras estão feridas). Uma **declaração** muito forte veio de Henrietta Fore, chefe da UNICEF – "Os ataques às crianças são absolutamente inaceitáveis. Estou horrorizado com o ataque aéreo reportado a crianças inocentes, algumas com mochilas da UNICEF. Já é suficiente". Mas isso não é suficiente para os traficantes de armas, que continuarão – com as bênçãos dos governos ocidentais – a re-armar a Arábia Saudita e os Emirados Árabes. O extermínio, à vista de todos, está em andamento no Iêmen



Nossa imagem do Instituto Tricontinental de Pesquisa Social da semana (veja abaixo) é de Anna Julia Cooper (1858-1964), uma feminista e abolicionista que lutou dentro dos Estados Unidos por justiça do mais amplo tipo. "Deixe a reivindicação das mulheres ser tão ampla no concreto quanto no abstrato. Tomamos nossa posição sobre a solidariedade da humanidade, a unicidade da vida e a falta de naturalidade e injustiça de todo favoritismo especial, seja de sexo, raça, país ou condição". Ela parece estar pensando na Argentina e Bangladesh, na Índia e no Iêmen – de todas as pessoas que agem em solidariedade.

Cordialmente,

Vijay.

PS: Você pode encontrar as cartas semanais anteriores em nossowebsite bem como nossos dossiês, documentos de trabalho e outros materais. Se você ostaria de receber as cartas semanais em francês, português ou espanhol, avise-nos. Para subscrever as cartas semanais, visite nosso site. Para subscrever nosso boletim, envie email para andre@thetricontinental.org



